

Eixo Temático: Saúde Integrativa, Saúde da Família, da Mulher e do Trabalhador: um ecossistema com oportunidades para diferentes profissões.

Contribuição da psicologia perinatal para a maternagem na contemporaneidade

Isabella Lemos de Melo Chagas Gomes¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada contribuição da psicologia perinatal para a maternagem na contemporaneidade, em especial o seu percurso histórico. Objetiva refletir sobre como a Psicologia Perinatal pode contribuir para o exercício da maternagem na atualidade, com base em suas propostas psicoprofiláticas. Tendo como pressuposto a forma que a maternagem se desenrolou ao longo da história nos âmbitos sociais e culturais e observando os resultados que temos na atualidade, com base nas influências desta história, e como se apresentam de forma distorcida com o que realmente a realidade psicoemocional demonstra, se viu necessidade de produzir material de desmistificação deste processo de parentalidade, trazendo a possibilidade de intervenção nas demandas que o período gravídico acarreta para a mãe, sua família e conseqüentemente à criança.

Palavras-chave: Psicologia Perinatal, Maternagem, Vínculo Mãe/Bebe

INTRODUÇÃO

Partindo do entendimento de que durante o período da gestação a mulher é impactada pelas múltiplas exigências e vivencia um período de reorganização corporal, familiar e social e de intensas alterações bioquímicas e hormonais, que a faz ficar propensa a uma multiplicidade de sentimentos se tornado vulnerável, este artigo tem por objetivo apresentar os resultados parciais da pesquisa intitulada Contribuição da Psicologia Perinatal para a Maternagem na Contemporaneidade, em especial, o seu percurso histórico.

O interesse por essa temática surgiu após a leitura do artigo Produção Científica em Psicologia Obstétrica/Perinatal e a constatação de que o Conselho Federal de Psicologia não relaciona essa área de atuação entre as 13 possíveis áreas para obtenção de título de especialista, apesar do número crescente de psicólogos se especializando nessa área. Aproximadamente 800 psicólogos brasileiros ingressaram em 2020 em cursos de especialização para obter conhecimentos específicos em Psicologia Obstétrica/Perinatal, de acordo

¹ Centro Universitário de Barra Mansa, acadêmica do 10º período de Psicologia

com pesquisa realizada pela psicóloga Rafaela de Almeida Schiavo, doutora em psicologia do desenvolvimento e aprendizagem pela UNESP.

Apesar de não reconhecer essa área como uma especialidade, o fato dos Conselhos Regionais de Psicologia estarem promovendo debates e acompanhado de maneira atenta e ativa as discussões sobre maternidades, sinaliza para a relevância dessa temática.

É nesse cenário que nasce a questão norteadora desse estudo: que contribuições a Psicologia Perinatal tem a oferecer para mulheres no que tange ao processo de maternagem na contemporaneidade e também para profissionais que trabalham com gestantes?

Para respondê-la foi adotado como percurso metodológico aquele utilizado nas pesquisas bibliográficas realizadas em sites, periódicos, livros e artigos especializados.

Os achados evidenciam a importância deste tema, especialmente no que diz respeito à vinculação mãe ao seu bebê, revela um campo de atuação profissional demandante de conhecimentos sobre a psicologia da gravidez parto e nascimento, sobre a atuação do psicólogo na cena do parto, a psicologia do puerpério, o luto perinatal, formas de parentalidade, desenvolvimento do bebê até as 12 meses, o sono do bebê, a teoria do apego, práticas educativas parentais e outras temáticas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

BREVE HISTÓRICO DA PSICOLOGIA PERINATAL

Mensura-se que a Psicologia Perinatal tenha surgido com os estudos elaborados por Otto Rank, Bion, Winnicott e Melanie Klein sobre a relação mãe-bebê e a influência que esta pode ter no desenvolvimento da criança como um todo. Considerando esses teóricos, pode-se dizer que a Psicologia Pré-natal e Perinatal têm mais de 100 anos.

Ao escrever o livro *Trauma do Nascimento* em 1893, Otto Rank descreve os efeitos das experiências de nascimento. Partindo de suas vivências clínicas defende a ideia de que o nascimento afeta a vida emocional do adulto, produzindo ansiedade. Ao longo do livro o autor defende a tese de que a relação entre mãe e bebê começa muito antes da criança nascer, que as memórias pré e perinatais são verdadeiras e que os sentimentos e as sensações pré-natais, e os que ocorrem durante o parto, influenciam na vida emocional no adulto. As experiências vividas pelo feto deixam marcas e moldam o comportamento ao longo da vida (JANUS e VERNY, 2018 citado por FAUSER, 2018). Ao sinalizar sobre as influências perinatais, demonstra que a história individual de um sujeito começa muito antes dele olhar nos olhos de sua mãe.

A pioneira no Brasil a colocar luz sobre esse tema foi Maria Tereza Maldonado, nos anos 70, com a publicação da dissertação de mestrado intitulada *Psicologia da Gravidez*.

Nos anos 80 a psicóloga Fátima Ferreira Bortoletti desenvolve um trabalho na clínica de Ginecologia e Obstetrícia do hospital Ipiranga, adotado um modelo de atendimento denominado *Psicoprofilaxia do Ciclo Gravídico Puerperal (CGP)* (SCHIAVO, 2019).

Nessa ocasião, Bartoline define a Psicologia Obstétrica como sendo um conjunto de ações psicoprofiláticas e psicoterápicas sustentadas pela teoria psicodinâmica que visava a elaboração do diagnóstico intrapsíquico e situacional do casal grávido, intervindo preventiva e terapêuticamente de acordo com protocolos psicológicos (SCHIAVO, 2019).

A partir desse momento, surge um novo campo de atuação do psicólogo, resultando na oferta de cursos de formação voltados para psicólogos, almejando qualifica-los para o atendimento da de gestantes e mulheres no pós-parto em espaços como a clínica e hospitais (BORTOLETTI, 2019 citada por SCHIAVO, 2019).

Nesse contexto, o paradigma vigente para atuação profissional durante o ciclo gravídico puerperal consistia em produzir a diminuição da dor do parto, por meio de condicionamento pavloviano (MALDONADO, 2017 citada por SCHIAVO, 2019). Com o reconhecimento da nova área de atuação do psicólogo, novos objetivos passaram a direcionar a prática profissional. Dentre eles a facilitação da relação do casal diante do novo papel; a implicação do pai em todo o processo de gestação, parto e pós-parto; a facilitação da vinculação triádica, assim como a preparação do casal grávido para a maternidade e paternidade, com vista a prevenção de depressão e a psicose pós-parto (BORTOLETTI, MORON, BORTOLETTI FILHO, NAKAMURA, SANTANA & MATTAR, citado por ALMEIDA e ARRAIS, 2019)

Ao longo dos anos a Psicologia Obstétrica foi recebendo diferentes nomes: Psicologia da Maternidade e Psicologia Perinatal. Ainda hoje não existe um nome específico para o psicólogo que atua com gestantes, parturientes e puérperas, mas o nome Psicologia Perinatal vem ganhando muita força nos últimos anos (SCHIAVO, 2019).

Ao utilizar o termo Psicologia Perinatal em 2000, para se referir a atuação do psicólogo com gestantes, parturientes e puérperas, a psicóloga e psicanalista Vera Iaconelli, delimita essa área como Psicologia Perinatal e forma os primeiros psicólogos perinatais.

Pelo fato da etimologia Perinatal referir-se a um período que engloba antes e depois do nascimento, ficou consagrado que cabe ao Psicólogo Perinatal atuar também em questões relacionadas com o planejamento familiar, a adoção, a reprodução humana assistida, o luto, aborto, orientação aos pais sobre desenvolvimento infantil e boas práticas educativas parentais.

A MATERNAGEM

Elegemos a teoria de Winnicott para apresentar o conceito de maternagem, visto que esse teórico estabelece as condições necessárias para uma boa função materna, a partir do conceito de mãe suficientemente boa, ou seja, daquela que é capaz de entrar em estado de “preocupação materna primária” para atender e suprir as necessidades básicas do seu bebê, e apresentar uma boa disponibilidade psíquica para acalotá-lo, por ser capaz de interpretar as suas necessidades. Assim, nesse estudo, maternagem diz respeito aos recursos psíquicos e a sensibilidade que uma mãe (ou de outra pessoa que exerce essa função) utiliza para decodificar e compreender as necessidades do seu filho para que ele se constitua como sujeito (WINNICOTT, 1990).

Aqui cabe enfatizar que uma mãe suficiente boa não é resultante de um instinto, de uma condição inata, mas é uma construção que precisa ser desenvolvida durante o período gestacional.

O PROCESSO DE MATERNAGEM AO LONGO DA HISTÓRIA

Por volta do século XVI, na cultura Europeia, existia o hábito de confiar os recém-nascidos às amas de leite, às quais além de amamentar, cuidavam dos bebês até seus primeiros anos de vida. A maternagem não era exercida pelas mães, mas pelas camponesas pobres.

A falta de cuidado adequado, a alimentação e higiene resultavam em uma alta taxa de mortalidade infantil. De acordo com Batinder (1980) “a entrega à ama era “objetivamente” um infanticídio disfarçado”.

Por volta do século XVII era comum abandonar as crianças indesejadas na porta das igrejas ou nas rodas dos enjeitados localizados nos conventos. O abandono era motivado pelo fato da criança ser fruto de relações proibidas, adultério, pelas raparigas pobres, ou por razões financeiras e de emprego potencializadas pelo processo de urbanização das cidades. Apesar da dureza da roda, ela funcionava como uma estratégia para evitar o infanticídio.

Dentre as ações de proteção à infância, surge ano de 1734 a Fundação Romão Duarte, que funcionava também como orfanato. Apesar disso, o infanticídio e acidentes domésticos eram cada vez mais comuns. O desinteresse materno, externalizado pelo pouco medo de perder suas crianças era visível (MALDONADO, 2017).

Com a entrada do iluminismo na história, introduz-se a matriz ideológica de que a maternidade é uma condição inerente a toda mulher, que todas nascem com o “instinto materno”. Pensadores como Rousseau estimulam ideias de que a mulher existe essencialmente para ser mãe. Em decorrência disso, as amas começam a ser largadas, frente a ideia de que cabia a mãe cuidar, amamentar, ensinar valores e educar seus filhos. Com isso, a relação mãe e bebê começa a ser protagonizada e o estímulo ao investimento afetivo surge desde então, levando a diminuição da mortalidade infantil e a atenção à infância, a partir do momento que a criança começa a ser, de certa forma, mais querida e valorizada.

Diante desse breve relato histórico podemos compreender que a representação social de maternidade prevalente em nossa sociedade advém desta “ideologia maternalista” que foi cultivada a partir do Iluminismo, ou seja, o momento social e histórico levou as gerações posteriores ao século XVII a acreditarem na existência de um amor e um instinto materno natural.

Desta forma podemos compreender que o materno de forma saudável não tem a ver somente com a história de vida da mãe em relação ao seu filho, mas com a História no seu contexto geral.

Repensar socialmente a idealização que permeia este processo é um caminho para permitir novas formas de sentir e de experienciar esse processo para as mulheres mães, biológicas ou por adoção, entendendo que não existe uma pulsão que determinará essa relação, mas que ela se estabelecerá de acordo com o desejo, o investimento afetivo e a possibilidade de viver as dores deste processo e ressignificá-las.

CONDIÇÕES PSICOLÓGICAS NESTE PROCESSO

Considerando os três momentos mais críticos na vida de uma mulher, adolescência, gravidez e menopausa, o perinatal é considerado o que oferece maior potencial de risco, sendo evidente a propensão à ansiedade, estresse e depressão, apesar da gestação ser um fenômeno fisiológico que faz parte de uma vida saudável.

A despeito das experiências positivas decorrentes de uma gravidez desejada, a gravidez por si só é um evento normativo que produz estresse na mulher. A preocupação com a responsabilidade do cuidar, com o novo papel que passará a desempenhar, com o tipo de parto que escolherá, com as transformações corporais e os impactos na vida conjugal, são alguns dos estressores que tem o potencial de disparar nos sistemas nervoso, endócrino e límbico uma série de reações. Somam-se a esses estressores externos à desregulação hormonal e neuroendócrina decorrente desse período. O somatório de estressores internos e externos durante o período gestacional pode afetar diretamente o desenvolvimento físico e cognitivo do bebê, implicando em consequências pós-nascimento que poderão perdurar para a vida toda da criança.

As altas taxas de adrenalina e cortisol presentes nos quadros de ansiedade podem afetar diretamente a formação do bebê, diminuindo a circulação sanguínea na placenta.

A Depressão, que muitas vezes ligamos ao pós-parto, muitas vezes se inicia durante o processo gravídico, e possui como característica a alta do cortisol, a baixa de serotonina responsável por gerar mal-estar e tristeza, na mãe e também ao bebê, que recebe as influências estressoras vindouras do organismo materno.

De acordo com SCHIAVO (2021) “até os 12 meses a saúde emocional materna pode ter impacto sobre o desenvolvimento da criança, uma vez que as bases do desenvolvimento infantil dependem intimamente da relação da díade mãe-bebê”.

Ao discorrer sobre as influências neuroendócrinas pretende-se demonstrar como o estado emocional materno influencia diretamente no desenvolvimento do bebê, que se submetido a estresse, ansiedade e depressão, poderá vir a nascer com diversos comportamentos de alerta e resistência provenientes dos neurotransmissores que afetarão seu desenvolvimento.

Dessa maneira, pensar na saúde mental a partir de indicadores como sintomas de estresse, ansiedade e depressão e, no bem-estar das mães durante a gestação e no momento pós-parto é importante para o desenvolvimento do bebê e para a promoção da saúde emocional materna.

Por fim, não é demais a ressalva de que mesmo um nascimento ocorrido no momento esperado pode gerar situações de estresse, especialmente por conta de todas as mudanças que acompanham a chegada do bebê (SCHIAVO, 2021).

AS PRÁTICAS E O EXERCÍCIO DA PSICOLOGIA PERINATAL

Para responder a questão de estudo adotou-se como conceito de Psicologia Perinatal as ações que visam promover a saúde mental focalizada

nas demandas deste período, sendo direcionadas principalmente às mães, gestantes à suas famílias grávidas, estimulando a integração familiar no processo e principalmente à preparação e assistência psicoemocional a mãe no pré e durante a maternagem, com vistas ao bem-estar materno e o melhor desenvolvimento da criança.

O trabalho da psicologia perinatal é extremamente variado e com muitas possibilidades de atuação. Uma delas é a atuação em grupos, podendo ocorrer com gestantes, mulheres que desejam gestar, mães com seus bebês nascidos e até mesmo mães por adoção, sendo o psicólogo o mediador e portador de informações necessárias para o grupo. A terapia breve é uma das demais possibilidades, podendo ocorrer nos ambientes hospitalares, de assistências e clínicos. A psicoterapia individual também se faz muito eficaz, principalmente para elaboração psicoemocional da mãe em relação a sua história, a sua forma de enxergar a maternagem, a traumas já vividos, com o objetivo de ressignificar suas experiências possibilitando um exercício de maternagem curativo e sem reservas, para sua experiência e para o desenvolvimento saudável do bebê e podendo ser concomitante com o pré-natal em formato de pré-natal psicológico.

Maldonado (2020) aponta para eficácia da psicoterapia na prevenção de complicações obstétricas. Segundo ela, em um estudo que visou comprovar a eficácia da psicoterapia:

“dos 20 casos não tratados, 14 apresentaram complicações (abortos, pre-maturidade, parto a fórceps). Dos 20 casos tratados, somente 5 apresentaram complicações (parto prolongado, uso de fórceps).”

É notória a eficácia da psicologia perinatal, como possibilidade de olhar para a gestação de forma multifocal, não somente com o olhar biológico. Maternar não é um processo somente fisiológico e bioquímico, mas primordialmente afetivo, perceptivo, subjetivo, interpessoal e intrapessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo empreendido nos leva a algumas respostas para a questão de estudo levantada: que contribuições a Psicologia Perinatal tem a oferecer para mulheres no que tange ao processo de maternagem na contemporaneidade e também para profissionais que trabalham com gestantes?

Por meio da visão histórica foi possível comprovar a diferença entre maternidade e maternagem. Enquanto o primeiro diz respeito a um evento normativo comum a quase todas as mulheres, a maternagem é um processo de vinculação que sofre influência da cultura, dos valores e crenças vigentes que afetam as condições emocionais da gestante.

Foi possível compreender que a Psicologia Perinatal amplia o olhar sobre a gestação ao desconstruir a crença arraigada em nossa sociedade de que a maternagem é um instinto natural, ampliando os cuidados com as gestantes para além do monitoramento das transformações físicas e hormonais decorrentes desse período, enriquecendo o processo pré-natal oferecido por profissionais e serviços de saúde.

Revela que ser uma mãe suficientemente boa, capaz de atender as demandas do bebê, não é uma condição automática, mas resultado de amadurecimento, integração da personalidade e desenvolvimento pessoal.

Por fim, cabe reforçar que a psicologia perinatal não se limita a maternagem. Ela possibilita a reflexão, pesquisa e intervenção sobre aspectos psicológicos envolvidos na decisão de ter ou não de ter filhos, nos casos de abortamento, idealização e romantização da maternidade, parentalidade, conjugalidade, parto, pós-parto, adoção e outros aspectos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rafaela, ARRAIS, Alessandra da Rocha; ARAUJO, SCHIAVO Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira. **Depressão e ansiedade gestacionais relacionadas à depressão pós-parto e o papel preventivo do pré-natal psicológico.** *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande, v. 11, n. 2, p. 23-34, ago. 2019. Disponível em [Depressão e ansiedade gestacionais relacionadas à depressão pós-parto e o papel preventivo do pré-natal psicológico](#). Acesso em 01 de ago. de 2022.

ARRAIS Alessandra da Rocha, MOURÃO Mariana Alves e FRAGALLE Bárbara. **O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto.** *Saúde Soc. São Paulo*, v.23, n.1, p.251-264, 2014 2.

Disponível em

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/ScBXWZfTcyVFXXfzs8jQRmp/?lang=pt#>,

Acesso em 23 de outubro de 2022.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Editora: nova fronteira 1980.

CYPEL, S.; CYPEL, L. R. C.; FRIEDMANN, A. Criança do 1º ao 12º mês. In: SOUZA, S. R. (org.). **Fundamentos do desenvolvimento infantil: da gestação aos 3 anos.** São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto: Vidigal. p. 104-137. 2011. E-book.

FAUSER, Wera. **A Importância da Integração de questões Pré- e Perinatais à Análise Bioenergética.** *Revista Clínica do Instituto Internacional de Análise Bioenergética* (25/2015). Vol 25, nº 1. P. 99-123. Disponível em <https://www.psychosozial-verlag.de/2471>. Acesso em 11 de novembro de 2022.

FERREIRA, Daniela Caroline Medeiros. **O vínculo mãe-bebê e o desenvolvimento dos transtornos alimentares sobre a óptica psicanalítica** *Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad*. P. 40-52. Vol 5, Nº 2, Junho 2019, < ISSN: 2387-0907. DOI: [Vol. 5 Núm. 2 \(2019\): RIAI 2019 VOL5, Nº2 | Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad](#) > acessos em 01 de set. 2022.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. **Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atual. Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em < [Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade](#) >. Acesso em 30 ago. 2022.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez: Gestando Pessoas Para um Mundo Melhor**. São Paulo: Ideias e Letras. 2017

Maldonado, MT. (1976) **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Petrópolis: Vozes. MaterOnline (2020). Sobre MaterOnline em números. <https://materonline.com.br/sobre/>

PAPALIA, D, E e FELDMAN, R,D. **Desenvolvimento Humano**. 12ª Edição. Porto Alegre- RS. AMGH EDITORA LTDA, ArtMed.2013.

SCHIAVO, Rafaela de Almeida et al. **Saúde emocional materna e prematuridade: influência sobre o desenvolvimento de bebês aos três meses**. Pensando fam., Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 98-113, dez. 2021. Disponível em < [Saúde emocional materna e prematuridade: influência sobre o desenvolvimento de bebês aos três meses](#) >. Acesso em 27 setembro de 2022.

SCHIAVO, Rafaela de Almeida. **Produção Científica em Psicologia Obstétrica/Perinatal** in *Obstetric/Perinatal Psychology*. Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 6, p. 16204-16212, 2020.

ABSTRACT

This report aims to present the partial results of the research entitled contribution of perinatal psychology to contemporary motherhood, especially its historical course. It aims to reflect on how Perinatal Psychology can contribute to the exercise of motherhood today, based on its psychoprophylactic proposals. Assuming the way that mothering has unfolded throughout history in social and cultural areas and observing the results we have today, based on the influences of this history, and how they present themselves in a distorted way with what the psycho-emotional reality really is. demonstrates, there was a need to produce material to demystify this parenting process, bringing the possibility of intervening in the demands that the pregnancy period entails for the mother, her family and consequently the child.

Keywords: Perinatal Psychology, Motherhood, Mother/Baby Bonding